

Cores em expressões populares e sua datação

Maria Antônia Prado da Silveira¹

Rafaela Cordeiro Silva²

Orientador: Alexandre Medeiros³

(Co)orientadora: Fernanda Boccomino Abrão⁴

Colaborador: Gabriel Santos Menezes⁵

Resumo: O artigo colige expressões populares com cores em nossa linguagem cotidiana e busca estabelecer sua datação em cada caso.

Palavras Chave: expressões populares. cores na linguagem. Brasil.

Abstract: The article collects popular expressions with colors in our everyday language and aims to establish their dating in each case.

Keywords: Brazilian idioms. colors in idioms. Brazilian everyday language.

Introdução

Com maior ou menor ligação com a realidade, o povo associa sentimentos, emoções e situações da vida a cores, consubstanciadas em expressões que usamos em nosso cotidiano. Neste artigo, reunimos algumas dessas locuções, buscando estabelecer também a data em que ingressaram na imprensa nacional.

Para a elaboração das datações deste artigo, valemo-nos de uma valiosa ferramenta de pesquisa: o banco de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (abreviaremos por BN), que oferece a consulta *on-line* de inúmeros jornais e revistas, desde o início do século XIX. Nas citações indicaremos o periódico, a sigla do Estado e a data de publicação.

Sorriso amarelo

Expressão antiquíssima, para designar o sorriso “que é contrafeito, forçado, para disfarçar uma decepção” (Houaiss).

Porem aqui ve com os olhos d'alma o Constitucional Mineiro roçar um sorriso amarello e lôrpa os rubros lábios de toda a familia Astral (...)
 (“Constitucional Mineiro”, 06-11-1832)

¹. Aluna do 3º. Ano do Ensino Médio do Colégio Luterano de São Paulo/SP – www.luterano.com.br

². Aluna do 1º. Ano do Ensino Médio do Centro de Estudos Júlio Verne, Diadema/SP.

³. Pós-Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo – FEUSP. Diretor Acadêmico do Centro de Estudos Júlio Verne – www.julioverne.com.br

⁴. Bacharela e Licenciada em Letras Português pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – FFLCH-USP. Professora do Colégio Luterano de São Paulo.

⁵. Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista. Licenciatura em Filosofia (cursando) na Universidade Anhembi Morumbi. Professor do Centro de Estudos Júlio Verne.

Amarelar

Na linha do verbete anterior, surgiu na BN em 1945 (“O Momento” RS, 11-08-1945) a expressão “amarelar a vida”, que significava chatear, atrapalhar, aborrecer... Nesse sentido, vigorou até os anos 60. Desde o começo dos anos 70, porém, “amarelar” passou a seguir a semântica inglesa, que associa “*yellow*” a temor e tem sido usada no sentido de acovardar-se.

Assim, para a decisão de um campeonato de basquete, o técnico do time oponente provoca:

[por sua falta de experiência] Acho que o Fluminense vai amarelar na melhor de três.
 (“Jornal dos Sports” RJ, 15-04-1971).

No futebol, também temos exemplos no Jornal dos Sports – RJ:

Marco Antônio é dos jogadores mais animados do Fluminense. Acredita cegamente na vitória do seu time amanhã, “porque estamos preparados e quem vai amarelar é o adversário” (1971)⁶

Na derrota do Brasil para a Seleção Argentina, no Pan-Americano de 1975:

“O que aborreceu foi a forma de perder um ponto, amarelar diante das peitadas dos defensores platinos, empurrando para trás nossa turma. A certeza de que até o pênalti foi desperdiçado num momento de medo. Nos entregamos...”⁷

Em 1979, o mesmo Jornal carioca noticia:

“Renato Lúcio controla bem a bola, dribla com categoria e cobra falta sem amarelar. Edgar Cosme levou-o para a equipe infantil do Fluminense”⁸.

O termo “amarelar” está frequentemente associado à ideia de se acovardar, de não suportar a pressão, ou de se render nas horas decisivas. “Amarelar” ganhou um certo reconhecimento e espaço no vocabulário dos brasileiros ao longo do tempo, sendo usado principalmente para se referir a alguém que desiste de fazer algo: ele “amarela”. Em 2002, temos a notícia (publicada no Jornal dos Sports⁹) sobre Petkovic do Vasco, que supostamente iria “amarelar” contra seu ex-clubes o Flamengo. A expressão nesse caso foi utilizada para refletir as dúvidas sobre sua capacidade de enfrentar a pressão do confronto. Algo que não se concretizou. Pois no jogo Petkovic do Vasco deu os dois passes que Ramón converteu em gol na vitória de seu time sobre o Flamengo por 2 x 1.

Verde de inveja

Tal como o “*green*” do inglês, nosso verde pode ser aplicado à inveja.

Na Revista Fon-Fon:

⁶.BN,https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=112518_04&pasta=ano%20197&pesq=%22amarelar%22&pagfis=8192 – acesso 24/03/2025

⁷.BN,https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=112518_04&pasta=ano%20197&pesq=%22amarelar%22&pagfis=32529 – acesso 24/03/2025

⁸.BN,https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=112518_04&pasta=ano%20197&pesq=%22amarelar%22&pagfis=57361 – acesso 24/03/2025

⁹.BN,https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=112518_07&pasta=ano%20200&pesq=%22amarelar%22&pagfis=905 – acesso 04/04/2025

Ha-de ser verde a inveja – esse fel do impotente.

*Verde é a côr de subtis venenos requintados.
Ha-de ser verde a inveja — esse fel do impotente.
E é sobre o panno verde, entre fichas e dados,
Que o deus do Azar sorri, longa e sinistramente...*

(“Fon-Fon” RJ, 23-05-1914)

Verde de susto

Também surgida no século XIX, no “Gutenberg” (AL, 12-04-1899):

O operario machinista estava verde de susto.

Verde de fome

Em “O Olho da Rua” (PR, 08-06-1907):

Mas o Affonso entrou com o pé esquerdo na casa do coronel Anacleto: já tinham almoçado e elle, com o estomago a dar horas, verde de fome teve que fazer de valente.

Vermelho de vergonha

Expressão muito antiga e clássica, pois a vergonha literalmente faz enrubescer, ruborizar.

– Pois é só isto que sei fazer, disse Pedro, – vermelho de vergonha –, em nada vos posso servir!

(“O Chronista” RJ, 18-03-1837)

Vermelho de raiva

O terceiro Henrique ficou vermelho de raiva, e dice com soberba.

(“Pharol do Imperio” RJ, 29-03-1837)

Roxo de raiva

– Senhor! reclamou o coronel roxo de raiva, cuidado...

(“Jornal do Commercio” RJ, 18-12-1850)

Branco de susto ou medo

Naturalmente, encontramos as expressões diretas “branco de susto” e “branco de medo”, mas também dar-se-ão outras, com comparativos para o “branco”.

Branco de susto fica a olhar pr’a o seio

(“A Semana” RJ, 22-10-1887)

Está branco de medo como se julgasse que atraz de si se levantava um phantasma!

(“Gazeta de Joinville”, 05-11-1878)

São muitas as comparações do branco como indicador de susto ou medo. Só no século XIX, encontramos mais de 10 termos comparativos com as seguintes incidências. Branco como:

Cadáver: Entre 1850 e 1872 encontramos “Branco como Cadáver” 3 incidências¹⁰.

Cal: Entre 1870 e 1891 temos em 17 periódicos brasileiros e 3 periódicos portugueses, 20 incidências da expressão “Branco como a Cal”¹¹.

Cera: Entre 1863 e 1874, encontramos 4 incidências da expressão “Cera” no sentido de medo e ou susto¹². E no “Diário de Minas” (1874):

[...] o modo por que estas palavras caíram da boca de Chico Luiz e o seu propósito fizeram um abalo tão forte no voluntário que ele ficou branco como cera¹³.

Defunto: Entre 1860 e 1863, encontramos duas incidências¹⁴. E no “Diário do Rio de Janeiro” (1872):

Não estas brincando comigo? Perguntou o pobre namorado, que ficou branco como defunto¹⁵.

Lençol: Entre 1870 e 1880 encontramos 4 incidências¹⁶.

Mármore: Entre 1865 e 1891 encontramos 4 incidências¹⁷, 3 em periódicos brasileiros em 1 em periódico português. O “Jornal da Noite” de Lisboa (1873) publica: “Toda trémula, a joven obedeceu, e mostrou o rosto branco como mármore de Paros”¹⁸.

Neve: A primeira vez que encontramos a expressão “Branco como a Neve” no sentido de medo ou susto foi em 1839 (“Jornal do Commercio”, RJ): “Seu rosto ficou branco como a neve, e todo seu corpo tremia”¹⁹.

Vela: Em “O Album” (RJ, 1893) temos: “Branco como vela de Jangada”²⁰. Apareceria novamente em 1911, Branco como vela de um barquinho²¹.

¹⁰BN, https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=%5Bcache%5Dcarvalho_61650.9033456.DocLstX&pasta=ano%20187&pesq=%22Branco%20como%20cad%C3%A1ver%22 – acesso 09/05/25

¹¹BN, https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=%5Bcache%5Dcarvalho_61650.9033456.DocLstX&pasta=ano%20187&pesq=%22Branco%20como%20Cal%22 – acesso 09/05/25

¹²BN, https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=%5Bcache%5Dcarvalho_61650.9033456.DocLstX&pasta=ano%20187&pesq=%22Branco%20como%20Cera%22 – acesso 09/05/25

¹³BN, <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=376523&pesq=%22Branco%20como%20Cera%22&pasta=ano%20187&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=3084> – acesso 09/05/25

¹⁴BN, https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=%5Bcache%5Dcarvalho_61650.9033456.DocLstX&pasta=ano%20187&pesq=%22Branco%20como%20defunto%22 – acesso 09/05/25

¹⁵BN, https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=094170_02&pesq=%22Branco%20como%20defunto%22&pasta=ano%20187&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=28968 – acesso 09/05/25

¹⁶BN, https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=%5Bcache%5Dcarvalho_61650.9033456.DocLstX&pasta=ano%20187&pesq=%22Branco%20como%20len%C3%A7ol%22 – acesso 09/05/25

¹⁷BN, https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=%5Bcache%5Dcarvalho_61650.9033456.DocLstX&pasta=ano%20187&pesq=%22Branco%20como%20M%C3%A1rmore%22 – acesso 09/05/25

¹⁸BN, <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=890820&pesq=%22Branco%20como%20M%C3%A1rmore%22&pasta=ano%20187&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=3451> – acesso 09/05/25

¹⁹BN, https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_02&pesq=%22Branco%20como%20Neve%22&pasta=ano%20183&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=10955 – acesso 09/05/25

No século XX, surgirão ainda outros, Branco como: Mortalha²² (1904); papel²³ (1907); sal²⁴ (1940); etc...

Assim, “Ficou branco como...” admite muitos complementos. O primeiro a surgir na Biblioteca Nacional foi “Branco como a Cal”: “O sujeitinho ficou branco como a Cal” (“Correio das Modas” RJ, 26-01-1839).

A facilidade de comparar com diversos brancos impediu que se consolidasse uma expressão única para indicar o medo ou espanto.

A vida cor de rosa

No “O Republicano” (SE, 05-09-1890), como na célebre canção de Edith Piaf, pode-se ver a vida em cor de rosa como uma vida linda:

Affiançam que ella aguça a inteligencia, augmenta o rendimento cerebral, cura o spleen, a hypocondria, a mania do suicídio e faz-nos ver a vida côr de rosa.

Tudo azul

No “Jornal do Commercio” (RJ, 10-04-1842), temos “tudo azul” como tudo muito bem:

Anda tudo azul em Paris por causa de um prodigio animalesco (...) Trata-se de um cão da Terra Nova, dotado de tão raras habilidades e prendas, que não só se póde apresentar nos salões com muita honra ao lado dos nossos elegantes, mas até desempenhar o officio de guarda-livros em qualquer casa de commercio de grosso trato. O caso é que o talentoso animal joga muito bem o xadrez, joga damas com a ultima perfeição [e enumera muitas outras incríveis qualidades do cão].

Passar em branco / em brancas nuvens

No “Astréa” (RJ, 22-07-1830), já temos “passar em branco” (não reagir):

A Camara dos Senhores Deputados talvez tenha mais que recear a indignação publica se poe sua tolerância com hum Governo prodigo e desmoralizado, ou por muito ouvidos e rumores acintemente derramados, deixar passar em branco a responsabilidade do Ministerio pelo extravio daquele empréstimo e por outras muitas coisas.

E na “Gazeta de Notícias” (RJ, 27-02-1899), “passar em brancas nuvens”:

²⁰BN, <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=706841&pesq=%22Branco%20como%20Vela%22&pasta=ano%20189&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=40> – acesso 09/05/25

²¹BN, <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=373052&pesq=%22Branco%20como%20Vela%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=66> – acesso 09/05/25

²²BN, https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_04&pesq=%22Branco%20como%20Mortalha%22&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=7639 – acesso 09/05/25

²³BN, https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_01&pesq=%22Branco%20como%20Papel%22&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=13293 – acesso 09/05/25

²⁴BN, <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=126420&pesq=%22Branco%20como%20Sal%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=1556> – acesso 09/05/25

O Sr. general Guimarães [punia violentamente os desafetos, mas para] os protegidos elle fechava os olhos e deixava passar em brancas nuvens.

Preto no branco

Pôr a limpo, esclarecer completamente uma situação, “preto no branco” é expressão muito antiga. Ela aparece pela primeira vez na BN no “Semanario Civico” (BA, 07-06-1821):

Fazendo a narração fiél daquele funesto dia, cuidadosamente occultamos algumas circumstancias para não fomentarmos a discordia. Diga, Senhor Amante da Ordem, que dezeja semear a desordem (...), se tem a mania de por o preto no branco; (de que Deus o livre!) faça tambem sua papeleta, imprima-a.

A coisa está preta

No hall das expressões preconceituosas – magia negra, lista negra, ovelha negra, mercado negro – temos, em “O Amigo do Povo” (MG, 22-05-1892): “a coisa está preta”.

– A coisa tá preta lá p’ra elle, e cada dia que Deus dá é um tombo que elle leva.

Ver a coisa preta

O periódico “O Rio-Nú” (RJ, 04-11-1899), traz a também preconceituosa: “ver a coisa preta”.

Lady Smith cedeu por ter sido evacuada pelo general White que viu a coisa preta.

Existe também “ver tudo cinza”, sombrio, sem alegria, como diz Renato Russo ao “Jornal do Brasil” (RJ, 12-10-1996), em relação a seu estado quando usava drogas:

Eu sei o que é acordar e ver tudo cinza, não ver alegria nas pessoas que te amam, tamanha é a sua solidão.

Grana preta / mala preta

Embora hoje signifique simplesmente “muito dinheiro”, surgiu na gíria policial como especificação de tipo de corrupção dos agentes, como mostra o “Jornal do Brasil” (RJ, 14-02-1967). O mesmo jornal em 17-02-1967 explica:

[a boa remuneração dos policiais poderia] evitar a grana preta (suborno considerado como criminoso pelos próprios policiais), mas não impede a grana branca, julgada não muito desonesta por alguns policiais.

Assim, digamos: grana branca seria oferecer uma “recompensa” para estimular a polícia a recuperar seu carro roubado – o que, afinal, é dever dela. Já pagar para engavetar uma investigação seria a grana preta. Dualidade semelhante dá-se no futebol: “mala branca” é um “bicho” que um terceiro time oferece aos jogadores de uma equipe para que ganhem um jogo, resultado que lhe é importante. Já a “mala preta” é a que se oferece (secretamente...) para que a equipe “entregue” o jogo...

Carta branca

Expressão antiquíssima encontrada no Correio Braziliense (Londres, 1818) e muito usada na Biblioteca Nacional. Significa plena licença e delegação de poderes (como também “cheque em branco” ou “sinal verde”) a alguém:

...a saída da expedição para a America, commandada pelo Conde de Abisbal; o qual também se diz que vai nomeado Capitão General do Peru e Chili, e com tam amplos poderes, que leva carta branca, para obrar conforme as circunstancias.²⁵

Contas no vermelho

Ao contrário de “no azul”, contas “no vermelho” indica dívidas, prejuízo. Aparece por primeira vez na BN em um artigo do “Diário do Paraná” (02-03-1956):

A procura elevou os preços e muita gente que está com as contas no vermelho, está, outra vez, ganhando dinheiro.

Jogar verde (para colher maduro)

A primeira ocorrência na BN dá-se em artigo assinado por um deputado provincial, na “Tribuna Livre” (GO, 07-05-1881):

Realmente eu não sabia nada de positivo a respeito, e joguei verde para colher maduro.

Torcedor roxo

Na “Gazeta do Povo” (SP, 10-11-1921):

(...) Não posso esquivar-me na qualidade de “torcedor roxo” daquelle [time], de dizer algo sobre o jogo.

Imprensa marrom

A expressão surge no Diário da Noite (RJ, 15-08-1960), aplicada a certa imprensa, por ocasião do suicídio do cineasta Elzevir Pereira da Silva:

O delegado Fernando Shwab, do 5º, Distrito Policial, anunciou ao DN, hoje pela manhã, que já instaurou inquérito para apurar as circunstâncias em que se suicidou, na semana passada, o cineasta Elzevir Pereira da Silva, levado ao desespero pelos abutres da imprensa marrom.

As revistas queriam dinheiro de Elzevir para não publicar “seu passado comprometedor”.

Deu um branco

Por razões técnicas, essa expressão não se deixa buscar na BN. Mas em formas “compostas”, encontramos-la na década de 70 numa entrevista de Ziraldo a “O Pasquim” (RJ, 07-01-1975):

Ziraldo – Ela (Hebe Camargo) procurou a ficha e continuou. “Eu soube que você publicou um livro”. Aí me deu um branco danado e eu não falei um A.

²⁵BN, <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=700142x&pasta=ano%20181&pesq=%20carta%20branca%22&pagfis=16587> – acesso 20/05/25

Tremer como vara verde

A comparação ocorre desde os primórdios da imprensa brasileira, como evidenciamos no periódico “O Cruzeiro” (PE, 15-10-1830):

Em cada hum tiro de peça que extrondava, eis-me a tremer, como vara verde.

Sangue azul

Expressão antiquíssima para designar nobres. Encontramos no “Sentinela da Liberdade” (RJ, 09-08-1823):

Os Cadetes [filhos não primogênitos] das famílias, que por nascerem de paes nobres, no Systema de fidalguias hereditarias, não deixam de serem Nobres tãobem, ou de sangue azul em lugar de vermelho e chamados Cavalheiros (...)

Bandeira branca

Sinal universal e antiquíssimo de rendição. Lemos na “Gazeta do Rio de Janeiro” de 31-10-1809:

Depois de se defenderem por muito tempo, puzerão bandeira branca, dizendo que se rendião.

Arma branca

Arma de lâmina, destinada a cortar ou perfurar. Expressão antiquíssima já encontrada no Correio Braziliense – Londres de 1809:

Postados os inimigos no cerro (...onde...) não alcançavão as nossas armas de fogo, não havia outro arbitrio, senão romper com a arma branca.²⁶

Considerações finais

Nessa jornada encontramos as cores como metáfora. É a mágica da linguagem que através das cores consegue expressar sentimentos. Cores que destacam estados de espírito, que são capazes de expressar ideias e reverberar significados. Terminamos propositalmente nossa análise com a expressão mais antiga que encontramos na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional: “Arma Branca”, de 1809.

Navegamos ao longo desses meses numa ampla pesquisa nesse acervo digital da Biblioteca Nacional. Entre as páginas dos jornais e revistas, encontramos curiosas expressões que utilizam cores como metáfora de linguagem com mais de 200 anos de história, que hoje estão misturadas e embaralhadas na nossa linguagem e, por vezes, nem percebemos o legado que carregam.

Pesquisar, navegar e mergulhar no acervo digital da BN nos enriqueceu sobremaneira, além de abrir horizontes de pesquisa que nem imaginávamos. Encerramos afirmando que a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional é um mar de conhecimento e toda a gama de cores na linguagem um arco-íris de possibilidades.

Recebido para publicação em 30-05-25; aceito em 29-06-25

²⁶BN, <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=700142x&pasta=ano%20180&pesq=%20arma%20branca%22&pagfis=2375> – acesso 20/05/25